

*Ass.*  
*Quilombo.com*

**Schuma Schuma**

---

**De:** "Érico" <ericovitalbrazil@globo.com>  
**Para:** "Schuma" <schuma@redeb.org.br>  
**Enviada em:** segunda-feira, 21 de fevereiro de 2005 23:43  
**Assunto:** Josefa fundadora do quilombo de Camburi - São Paulo

## **Comunidades Quilombolas no Brasil • Estado de São Paulo • Litoral Norte • Camburi • Histórico da Comunidade**

### **CAMBURI**

#### **HISTÓRICO DA COMUNIDADE**

O Quilombo do Camburi abrigou, no início de sua ocupação, vários núcleos de escravos fugidos de fazendas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Segundo relatos dos moradores da comunidade, um grupo de negros, liderado por uma escrava chamada **Josefa**, que vieram fugidos de fazendas da região de Paraty, no Rio de Janeiro, teria sido um dos primeiros a ocupar a área. Muitos moradores se referem à escrava Josefa como uma "parenta" distante e o lugar onde ela teria se refugiado até hoje se mantém na comunidade como um marco histórico: a Toca da Josefa.

O levantamento de documentos históricos realizado por pesquisadores do ITESP mostrou ter havido, também nessa área, uma fazenda denominada Cambory.

A Fazenda Cambory não fugia ao padrão das outras fazendas do litoral norte dessa época (séculos XVIII e XIX): grandes propriedades que tiveram, num primeiro momento, engenhos de cana-de-açúcar e posteriormente produziram café para exportação com mão-de-obra escrava. E, a partir da metade do século XIX, entraram em decadência, tendo suas terras divididas e doadas, vendidas ou mesmo abandonadas.

Ao que tudo indica, a Fazenda Cambory foi ocupada, por compra e doação, por núcleos de escravos que nela trabalhavam. Este núcleo de escravos agregava-se a outros núcleos, vindos de outras regiões.

O quilombo permaneceu relativamente isolado até a década de 1970 quando uma série de acontecimentos ameaçou sua permanência em suas terras e

trouxe mudanças para seu modo de vida.

Por um lado, houve a construção da BR 101 que atraiu para a região grileiros, especuladores e empresas que usaram de todo tipo de violência e subterfúgios para expulsar as comunidades tradicionais da região, como as dos Quilombos do Camburi e da Caçandoca.

A comunidade foi alvo de diversos processos de grilagem e compras ilegais de posse, derivados da especulação imobiliária. No início da década de 1970, 80% do território do Quilombo do Camburi estava sob o domínio e posse de dois grandes compradores de terra, Francisco Munhoz e José Bento de Carvalho, que expulsaram os antigos moradores. Estes se deslocaram para as áreas mais íngremes, de mais difícil acesso, ou se mudaram para outras cidades do litoral paulista, como Santos.

Por outro lado, ocorreu a criação do Parque Nacional da Serra da Bocaina (em 1972) e do Parque Estadual da Serra do Mar/Núcleo Picinguaba (em 1977) nas terras da comunidade, que trouxeram uma série de restrições para a prática da agricultura e do extrativismo.

**Schuma Schuma**

---

**De:** "Érico" <ericovitalbrazil@globo.com>  
**Para:** "Schuma" <schuma@redeh.org.br>  
**Enviada em:** terça-feira, 22 de fevereiro de 2005 00:03  
**Assunto:** liderança de D. Rosa Domingas de Jesus quilombo de Mata Cavalos MT

**MATA CAVALO - MT****MULHERES EM MATA CAVALO**

A escola de Mata Cavalo, construída pela própria comunidade, leva o nome de **Dona Rosa Domingas de Jesus** que morreu em 03 de maio de 2004 aos 82 anos:

“Agora nós perdemos uma das referências principais que a gente tinha, que era a senhora. Rosa Domingas de Jesus, que tinha 82 anos. Foi uma das pioneiras na luta. Uma mulher guerreira que enfrentou pistoleiros, capangas. Os filhos dela foram todos presos, como se fossem marginais. Ela foi uma referência principal porque ela nasceu, se criou e nunca saiu da comunidade. Eram seis comunidades mas só restaram seis famílias. A da Dona Rosa, nunca saiu. Foi uma das sementes que permaneceram nas comunidades. São as raízes que deram volta para os que não agüentaram muito a pressão e vieram embora. Hoje deram vida ao quilombo. Muitos voltaram, hoje todo mundo está voltando. Então ela foi um eixo principal”, conta Laura.

Laura também contribui com as lutas da comunidade atuando como secretária da Associação do Quilombo de Mata Cavalo onde faz: “de tudo um pouco. Ajudo na montagem de projetos, articulo os grupos de mulheres e homens para as reuniões. Tento aglutinar todas as pessoas. Participar de cursos, buscar outras fontes de renda e melhorias para a comunidade. Eu, enquanto secretária, tento buscar melhorias para poder estar levando, brigando com as comunidades para que possa chegar uma forma melhor para o povo”.

Dalva, por sua vez, ensina dança afro para os meninos e as meninas da comunidade: “para eles não ir para as ruas. Tento ajudar o quanto posso”.

Laura reforça a importância da luta: “nós somos um povo que pelo fato de ser negro, a gente já é um povo discriminado. Então a gente tenta buscar de todas as formas apoio para que a gente possa estar levando cada vez mais os produtos dentro dos mercados e das feiras. Para que a gente possa conseguir um transporte porque a maior dificuldade é em relação ao transporte. Tem comunidade que para você chegar tem de andar mais de 8 quilômetros. Não há transporte, nem em caso de doença. Você tem que esperar até que alguma

condução te possa levar até o hospital”.

E conclui: “ser mulher e principalmente uma mulher quilombola, para nós é uma dádiva de deus. Cada dia que passa, nós tentamos alcançar os nossos objetivos porque a gente sabe que não é fácil essa luta. Mas a gente tenta dar continuidade ao que os nossos ancestrais nos deixaram, que é a luta para a gente ser reconhecido de igual para igual, tanto faz se branco, índio ou mulato, para a gente ser reconhecido de igual para igual. Então, ser quilombola para mim é isso, a gente poder alcançar os nossos objetivos, lutar e buscar o mesmo ideal”.

## Schuma Schumacher

---

**De:** "Érico" <ericovitalbrazil@globo.com>  
**Para:** "Schuma" <schuma@redeh.org.br>  
**Enviada em:** terça-feira, 22 de fevereiro de 2005 00:08  
**Assunto:** Antonica, Marcelina e Luisa Campinho da Independencia RJ

### COMUNIDADE DE CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA - RJ

#### ORIGEM DA COMUNIDADE

Conforme contam as entrevistadas, Campinho da Independência foi fundado por três mulheres, as irmãs **Antonica, Marcelina e Luísa**, escravas da Casa Grande, na Fazenda Independência.

Silvia, Arilda e Aline relatam essa história com muito entusiasmo:

"É ótimo para gente saber que foram três mulheres que fundaram a comunidade!"

"Hoje a maioria da comunidade são mulheres" conta Silvia.

"E as mulheres, até hoje, são mais 'lutadeiras' do que os homens" completa Arilda.

De acordo com Silvia, "elas [as três mulheres que fundaram a comunidade] trabalhavam lá na fazenda, só que elas não eram totalmente escravas. Elas trabalhavam assim, penteavam o cabelo das donas lá, cuidavam dos senhores, cuidavam dos filhos. E aí quando eles foram embora, quando os donos da terra foram embora aí falaram: fica com a terra para vocês. Só que ele não deu nenhum papel dizendo que a terra era delas. Então, com o passar do tempo, veio gente de tudo quanto é lugar dizendo: ah, essa terra é minha, essa terra é minha!".